

A PERDER DE VISTA

SIVSOLO ANUNCIA
RETIRADA DE INVASÃO
EM SANTA MARIA. TERÁ
PELA FRENTE MAIS DE
2 MIL BARRACOS



Paola Lima
Da equipe do Correio

Em apenas 15 dias, mais de dois mil barracos foram construídos. De madeirite, plástico, lona e até papelão, eles vão surgindo às dezenas a cada dia. Assim, o número de invasores de Santa Maria aumenta rápida e progressivamente. Os caminhões com as tábuas não param de chegar. As demarcações do lote, feitas com piquetes e barbantes, mudam a paisagem do que antes era apenas cerrado. Unidos pela vontade de convencer o governo, os invasores já fazem até exigências: querem água, luz e infra-estrutura.

Terezinha Luiza Antunes, 65 anos, é uma das que esperam conseguir um lote pela invasão. Ela afirma que vive em Brasília desde 1960. Aqui criou os dois filhos e cuidou da mãe, hoje uma senhora com 90 anos. Inscreveu-se em diversas listas habitacio-

Fotos: Jorge Cardoso



Terezinha Antunes diz que está em Brasília desde 1960, se inscreveu em várias listas. Agora é invasora

nais do governo, mas nunca recebeu nada. E como vive apenas da aposentadoria de R\$ 130,00 e das roupas que vende como bico, mora de favor na casa de um dos filhos, em Santa Maria. Ontem, ela foi até a invasão para demarcar o local onde quer construir seu barraco.

"Preciso de uma casa para morar e vejo na televisão gente que mal chegou na cidade e está instalada em algum desses barracos sem que nada aconteça", reclamou. "Vou trazer minha mãe para cá e quero ver se eles terão coragem de derrubar o barraco com ela dentro", ameaçou.

A decisão que Terezinha Antunes está tomando é a mesma de muitos outros moradores

de Santa Maria. O cearense Francisco Ferreira de Souza, 30 anos, em Brasília há três, vive de aluguel, com a mulher, Joseline. Sem filhos, ele sofre com as despesas que mal consegue pagar com o emprego temporário de copeiro. Por um quatinho alugado em uma casa próxima ao Caic, Francisco paga R\$ 200,00, incluindo as despesas com água e luz.

Ontem, ele montava seu barraco na invasão, acreditando que o pedaço de terra invadido seria a solução para seus problemas. "A cada dia que atraso, a dona da casa cobra R\$ 4,00 a mais no aluguel. Isso sem falar em como ela nos maltrata", disse. "Agora poderemos dormir mais tranquilos".

E quem chegou na invasão há

mais tempo — há duas semanas quando ela teve início — já se sente no direito de pedir infraestrutura para moradia no local. "Queremos ao menos um carro-pipa, pois vivemos com muitas crianças nessa poeira, sem ter como cuidar delas", reclamou Gilson Ribeiro da Silva, 27 anos.

Gilson morava com a sogra em Santa Maria e levantou um barraco na invasão para ele, a mulher e os três filhos. Como está desempregado — é ex-jogador de futebol e chegou a jogar no Gama em 1991 — ele ajuda os vizinhos invasores a construir outros barracos e faz as reivindicações da comunidade. "Já mandamos ofícios à CEB e à Caesb, porque precisamos de estrutura. Hoje come-

mos o sopão que fazemos com alimentos doados pelos moradores das quadras vizinhas".

Há também os oportunistas. Aqueles que constroem o barraco mas, na verdade, já têm onde morar. "Eles vêm aqui, separam um pedaço de chão e voltam para casa, de onde assistem pela tevê a nossa briga. Se tivermos sucesso, eles voltam e têm lotes garantidos", reclamou Gilson.

Apesar da quantidade e da decisão em ficar, os invasores de Santa Maria não devem durar muito tempo na área da Terracap, onde levantaram suas casas. Segundo o coronel Jair Tedeschi, gerente do Sivsolo, a operação de retirada da invasão deve ter início hoje ou na próxima segunda-feira. "Vai depender apenas de reunir efetivo suficiente para a operação", disse.

O coronel acredita que, apesar do grande número de construções, sua equipe não terá problemas na retirada porque a maioria delas está vazia. "Eles levantam as paredes, mas não ficam no lugar", descreveu. "Assim, os barracos estão sem móveis ou pertences". Tedeschi assegurou que a retirada vai ser feita sem confrontos. "Essa é uma das determinações do governador, que não haja violência". O Sivsolo vai oferecer transporte aos invasores para que levem seus pertences para casa, caso contrário serão apreendidos. "Se eles persistirem na invasão perderão o direito a novos lotes", alertou.

■ Leia mais na página 2

POR QUE INVADIR?

"DEUS DEIXOU UM PEDACINHO DE TERRA PARA TODO MUNDO, TAMBÉM TENHO DIREITO A ELA"

Maria das Mercês de Sousa
40 anos

"JÁ ENTRAMOS EM MUITAS COOPERATIVAS E NUNCA CONSEGUIMOS NADA. TEMOS DE TENTAR PELA FORÇA AGORA"

Terezinha Antunes
65 anos

"A GENTE SAI DO ALUGUEL, QUE É UM DINHEIRO PERDIDO TODO MÊS"

Francisco Ferreira de Souza
30 anos

"ESTOU FAZENDO ISSO PELA MINHA FILHA, QUE ESTÁ DESEMPREGADA E NÃO TEM ONDE MORAR"

Maria Barbosa dos Santos
54 anos



Estímulo vem da Estrutural

Quase dez anos depois de iniciada, maior invasão de Brasília é exemplo para quem quer conseguir um lote

A pesar do Sistema Integrado de Vigilância do Solo (Sivsolo) assegurar que a invasão de Santa Maria será retirada, a expectativa dos invasores é que o lugar acabe se transformando em uma nova Estrutural. Apesar das brigas, ameaças e pro-

messas de campanha, a invasão já tem quase uma década de construída e conta hoje com mais de 3 mil barracos, 800 levantados apenas este ano, alguns já de alvenaria, e com moradores que já se sentem donos do lugar.

O casal Emília da Silva Nasci-

mento, 60 anos, e Antônio Dario do Nascimento, 61 anos, vive na Estrutural há oito anos. O barraco levantado fora das quadras, para ficar mais próximo da pista, já é considerado uma casa de verdade. "Comigo não tem vexame, não. Fico tranqüila porque sei que o pessoal do Idhab vem, cadastra todo mundo e vai embora, sem problemas", diz.

Ela e o marido vieram do Ceará há 16 anos, para cuidar de dois filhos doentes. Cansados de mudar de um lugar para outro



sem trabalho ou residência fixa, resolveram se acomodar na

Estrutural. Hoje, tem dois filhos casados que também moram na invasão e já pensam em garantir a aposentadoria construindo uma vendinha, próxima de casa. "Vou vender laranjas e bananas e, quando o dinheiro for entrando, vou aumentando o negócio. Quem sabe vira um supermercado", planejou. E é essa possibilidade de resolver um dos mais graves problemas dos brasileiros, a moradia, que move os novos invasores do DF. (Paola Lima)

MEMÓRIA

CIDADE QUE RESISTE AOS GOVERNOS

A invasão mais famosa do Distrito Federal não pára de crescer. Desde janeiro deste ano, mais de 800 barracos foram levantados. Ao todo estima-se que três mil famílias vivam no local, ainda sem infra-estrutura básica, às margens da via Estrutural, no caminho entre o Guará e Taguatinga.

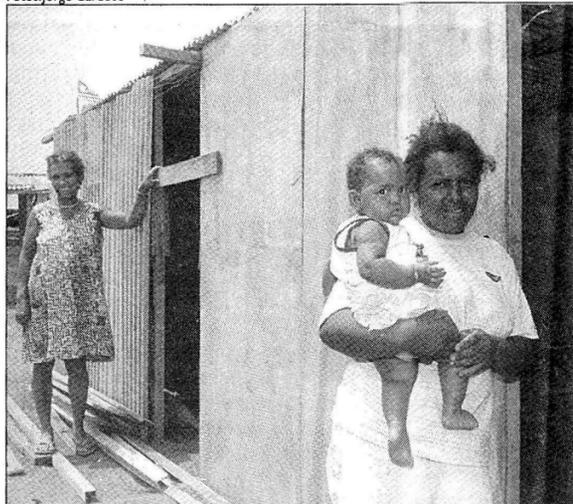
A invasão vem resistindo no tempo, enfrentando governos e campanhas, sem que os barracos sejam removidos. Na gestão de Cristovam Buarque, ela chegou a ser seriamente ameaçada. Dezenas de famílias foram transferidas para outros locais e assentamentos. A ação, no entanto, não foi eficiente. Acabou enfraquecendo depois de inúmeros confrontos entre a Polícia Militar e os invasores, que resistiam às balas de borracha, bombas de gás lacrimogêneo e cães, com paus e pedras.

Os invasores apostam no diálogo com o governador para permanecer no local. Roriz prometeu dar um tratamento diferenciado aos moradores da Estrutural, assim como aos ocupantes da invasão da Telebrasil, outra ocupação tradicional da cidade, e priorizá-los nas políticas habitacionais.

A presença da luz serviu para consolidar ainda mais a invasão, já dividida em quadras residenciais e variado comércio local.

VIDA DE INVASOR

Fotos: Jorge Cardoso



Karine de Souza vive de bico e pagava R\$ 70,00 de aluguel

"PRECISO FAZER ALGUMA COISA"

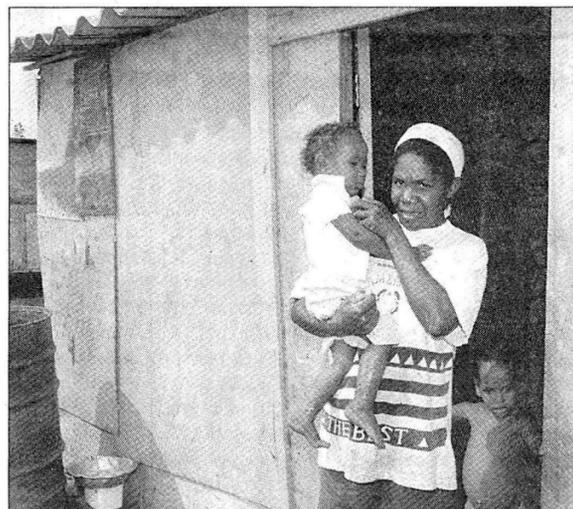
Ela tem 23 anos, nasceu e cresceu no Distrito Federal. Jovem, viveu em Santa Maria boa parte da vida. Trabalhava como empregada doméstica e ganhava um salário mínimo por mês até ser despedida por ter engravidado, há um ano e três meses. Desde então, tem vivido de bico, ganhando um dinheirinho aqui, outro acolá, sem nenhuma segurança no final do mês. Há 15 dias, no entanto, Karine de Souza alimenta uma esperança mais forte. Levantou um barraco na invasão de Santa Maria e espera ali conseguir um lugar para viver.

O maior incentivo para encarar a poeira, o desconforto do barraco de madeira, com apenas um cômodo e quase nenhum móvel, e a total falta de estrutura do lugar — sem água, luz ou qualquer outro pequeno sinal de vida moderna — é a certeza de deixar para trás o inconveniente do alu-

guel mensal.

Até tentar a sorte na invasão, Karine pagava R\$ 70,00, mais da metade do seu último salário, por um cômodo de aluguel na quadra 300 de Santa Maria. Além do aluguel, ela arcava ainda com as despesas de luz, água e, nos últimos meses, com a alimentação da filha Lara Natiele, agora com cinco meses. "Ganhava algumas cestas básicas, que foi o que me sustentou", diz a jovem, que ainda tem outro filho, de 5 anos.

E é para garantir o futuro dos filhos que Karine está encarando o risco de ficar sem ter onde dormir, caso o Sivsolo (Serviço Integrado de Vigilância do Sol) retire a invasão. Acompanhada da família do pai de Lara, que também levantou barracos no lugar, ela espera ter o seu problema resolvido em breve. "Não dá mais para ficar como está, preciso fazer alguma coisa", diz.



Suzanira Maria: há um ano em Brasília e com sonho realizado

"NUNCA TIVE ONDE MORAR"

A mineira Suzanira Maria de Jesus Lima, 40 anos, cansou de passar necessidade na casa da sogra, em Januária, interior de Minas. Decidiu vir, com o marido e os seis filhos, com idades entre 2 e 16 anos, tentar a vida em Brasília, onde chegou há pouco mais de um ano. Seu único sonho é ter uma casa própria. Um lugar onde possa educar seus filhos, cuidar do marido e envelhecer.

Suzanira encontrou esse lugar em um barraco de dois cômodos, a alguns metros da pista, dentro da Estrutural. O barraco, feito de madeirite, é cuidadosamente cercado por arames farpados. Do lado de dentro, uma pequena área livre para as crianças brincarem e para ela lhes dar banho e lavar as roupas da casa.

Desempregada, Suzanira conta apenas com o salário de R\$ 180,00 do marido, que tra-

balha como chacareiro em uma colônia agrícola e volta para casa apenas aos fins de semana. Enquanto ele está fora, a mulher, que apesar do sofrimento e da idade, ainda guarda a energia da juventude, cuida dos filhos e alimenta mais esperanças.

"Nunca tive onde morar", diz. "É a única coisa que quero da vida é a minha casa". Mesmo sem ter luz no barraco — que está fora das quadras onde a CEB (Companhia Energética de Brasília) já fez as instalações — Suzanira diz não se importar com o desconforto. "Tanto faz, só da casa ser minha, já está muito bom", conforma-se. Ela espera cadastrar o lote e instalar luz e água em seu barraco para começar a trabalhar. "Um apenas não consegue sustentar a casa, temos comida, roupa e até material escolar para comprar", contabiliza.